

# HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA POÉTICA DE ANTUNES.

Antônio Fernandes Júnior (UFG-CAC)<sup>1</sup>

## RESUMO:

Nos versos da canção, “Inclassificáveis”, de Arnaldo Antunes, materializam-se discursos que apontam para a pluralidade cultural brasileira, delimitada pelas fusões lexicais e/ou criações de palavras que remetem a diferentes perspectivas identitárias. Atento às questões contemporâneas ligadas às práticas socioculturais, Antunes utiliza-se, no referido texto, de elementos lingüístico-discursivos capazes de captar, no campo estético e político, traços da subjetividade contemporânea em que as fronteiras culturais, religiosas e étnicas ganham outros contornos e efeitos de sentido. Nossa proposta será a de observar como determinados procedimentos de construção poética sinalizam para a leitura da identidade cultural brasileira contemporânea, resgatando momentos da história do Brasil que tiveram a identidade cultural como bandeira estética e política.

**Palavras-chave:** Poesia Brasileira Contemporânea - Identidade Cultural - Arnaldo Antunes.

O procedimento de construção do poema adotado por Antunes aproxima-se do conceito barthesiano de escritura, concebido como uma prática textual capaz de incorporar e ser permeável de e por outros textos. A prática de escritura, entendida como prática textual, posiciona-se em uma vertente teórica, cuja concepção respalda-se no abandono de noções estruturalistas que consideram o texto literário como mero objeto de análise, “uma linguagem-objeto”, transformada em instrumento utilitário e decorativo. A escritura comporta um conjunto de signos que implica, em seu percurso teórico, articulações entre algumas noções lingüísticas e literárias, configurando, segundo Barthes (1988, p. 35), “sugestões para a análise do discurso literário”. Assim, a noção de escritura deve ser cotejada com o estudo que privilegia os procedimentos enunciativos, delimitados por categorias de pessoa, espaço e tempo.

A escritura focaliza o sujeito não em um momento anterior ao processo de criação, mas no momento de produção de um novo texto, “em que o sujeito se cria e se recria, numa significância infinitamente aberta” (PERRONE-MOISÉS, 1988, p. 13). Concebe-se, dessa maneira, a escritura como uma prática textual, caracterizada pela idéia de movimento, considerando que a palavra, principalmente literária, não é um ponto neutro e/ou fixo na língua, mas um cruzamento de superfícies textuais.

Nesse sentido, a poesia de Arnaldo Antunes, conforme declarações do próprio poeta, produz-se em um interstício de linguagens, envolvendo as experiências do poeta com a palavra cantada (o rock), com a poesia visual, com as artes plásticas, com a poesia concretista, com a vídeo-poesia, para citar estes exemplos. Esse entrecruzamento de linguagens, tão característico da poesia de Antunes, configura-se como um espaço capaz de oferecer diferentes leituras sobre a realidade sociocultural, tornando-se um campo de observação privilegiado sobre diversas questões, como, por exemplo, a subjetividade.

A obra de Arnaldo vem sendo marcada também por uma intensa reflexão acerca do sujeito e das suas possibilidades formais de expressão. Não é casual o interesse do poeta paulista pelo repertório que a parafernália cibernética oferece: as mais variadas técnicas de computação, simuladores, ilhas de edição, bancos de imagens e sons, realidade virtual, animação, mixagens em geral tornam-se instrumentos os quais “o poeta” do próximo milênio poderá agenciar em proveito de um redimensionamento da criatividade e do exercício do imaginário. Sem deixar de utilizar as “clássicas” formas artísticas – como a literatura, a dança, a música, a pintura – esse poeta amplia seu horizonte aproximando-se dos produtos e valores da informática (SALGUEIRO, 2002, p. 83).

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Letras na Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. [tonyfer@uol.com.br](mailto:tonyfer@uol.com.br)

Além da mistura de códigos, percebe-se, na obra deste poeta, a criação de expressões lingüísticas (fusão de palavras, deslocamentos lexicais, quebra de palavras, etc.) que surgem do experimentalismo com a linguagem para instaurar uma nova situação, seja ela de classe social, sexo, identidade cultural, etc. Tanto nas letras das canções quanto nos poemas, tal recurso é acionado, desencadeando efeitos de sentido diversos. Tal estratégia discursiva possibilita reflexões sobre a condição do sujeito no contexto atual, seja pelas relações entre sujeito e espaço urbano, seja pelas construções identitárias pelas quais os sujeitos se reconhecem.

Estas questões remetem-nos às discussões foucaultianas sobre o “enunciado” e, como desdobramento, as questões do discurso e do sujeito. Para Foucault (1995), o enunciado, diferentemente de uma frase ou um ato de fala, caracteriza-se por ser produzido por um sujeito (função enunciativa) que fala de um dado lugar e é determinado “por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado”, conforme Gregolin (2004, p. 89).

O enunciado, diferentemente de um ato de fala ou frase, implica o vínculo a uma dada posição-sujeito, cuja natureza movente impossibilita concepções de caráter totalizante. Um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições-sujeito, dada a natureza dispersiva que o caracteriza e o define, apontando para uma percepção da subjetividade como fragmentada e descentrada. Tanto a dispersão do sujeito quanto a dispersão de enunciados que circulam na sociedade, sinalizam para uma compreensão de sujeito como uma construção histórica, pois o discurso é um “campo de regularidade para diversas posições de subjetividade (FOUCAULT, 1995, p. 61)”.

A problemática da subjetividade foi um tema recorrente nas pesquisas de Foucault em sua trajetória intelectual, perpassando as diferentes etapas de sua obra: a arqueologia, a genealogia e a ética. Para Foucault (2004, p. 275), o sujeito não é uma substância,

É uma forma, e essa forma nem sempre é, sobretudo, idêntica a si mesma. Você não tem consigo próprio o mesmo tipo de relações quando você se constitui como sujeito político que vai votar ou toma a palavra em uma assembléia, ou quando você busca realizar o seu desejo em uma relação sexual. Há indubitavelmente, relações e interferências entre essas diferentes formas de sujeitos; porém, não estamos na presença do mesmo tipo de sujeito. Em cada caso, se exercem, se estabelecem consigo mesmo formas de relação diferentes. E o que me interessa é, precisamente, a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade.

É nesse sentido que não interessa a Foucault a discussão sobre o sujeito psicológico, individualizado, nem o estudo da formação da personalidade ou a decifração do sujeito, que implica uma dada interioridade. Para Foucault importa a exterioridade dos fenômenos, por isso reconhece a subjetividade não como essência e/ou substância, mas como um enunciado histórico, ligado a uma diversidade de práticas sociais e políticas (PRADO FILHO, 2005).

Problematizar estas diferentes formas de sujeito e as diferentes figuras de subjetividade acarreta, como desdobramento, negar o sujeito universal, para tentar compreender “formas de ser e modos de vidas plurais, quando não, marginais” (p. 45). Prado Filho (2005) discute, a partir da leitura de textos de Foucault, a construção histórica da noção de subjetividade, mostrando como a identidade está em constante transformação e suas relações com os mecanismos de controle e com os jogos de poder<sup>2</sup>, ou seja, com o exterior com o(s) qual(is) se relaciona(m).

Considerar o discurso, segundo Foucault (1995), como um campo de regularidade para diversas posições de subjetividade, leva-nos a refletir sobre as diferentes posições do sujeito adotadas nos poemas de Antunes, sejam elas voltadas para o erótico, passando pelo corpo e pela

---

<sup>2</sup> Reconhecer-se como sujeito de uma instituição, de uma sexualidade, dentre outras práticas sociais que nos definem, significa assumir uma dada identidade como nossa e reproduzi-la, “sem notar que é exatamente ela que nos mantém presos ao poder” (Prado Filho, 2005, p. 49).

sexualidade, seja para o sujeito e sua relação consigo e com o que o cerca. Nossa proposta será a de observar como determinados procedimentos de construção lingüística e posições-sujeito adotadas criam efeitos identitários específicos.

Pretende-se, neste estudo, refletir sobre a temática da identidade cultural brasileira, a partir da letra da canção “Inclassificáveis”, de Arnaldo Antunes. Nos versos dessa canção, materializam-se discursos que apontam para a pluralidade cultural brasileira, delimitada pelas fusões lexicais e/ou criações de palavras que remetem a diferentes perspectivas identitárias. Atento às questões contemporâneas ligadas às práticas socioculturais, Antunes utiliza-se, no referido texto, de elementos lingüístico-discursivos capazes de captar, no campo estético e político, traços da subjetividade contemporânea em que as fronteiras culturais, religiosas e étnicas ganham outros contornos e efeitos de sentido. Nossa proposta será a de observar como determinados procedimentos de construção poética sinalizam para a leitura da identidade cultural brasileira contemporânea, resgatando momentos da história do Brasil que tiveram a identidade cultural como bandeira estética e política.

### LEITURA DO POEMA *INCLASSIFICÁVEIS*<sup>3</sup>

Na letra da canção, o tema da “inclassificação” volta-se para o eixo sujeito e identidade nacional, incorporando um procedimento de escrita parecido com o de outros textos de Antunes, principalmente, pelo uso de fusões lexicais e criações de palavras que possibilitam re-pensar e/ou re-criar papéis sociais, grupos sociais ou identidades socioculturais.

<b>Inclassificáveis</b>	<b>não há sol a sós</b>
<b>que preto, que branco, que índio o quê?</b>	<b>aqui somos mestiços mulatos</b>
<b>que branco, que índio, que preto o quê?</b>	<b>cafuzos pardos tapuias tupinamboclos</b>
<b>que índio, que preto, que branco o quê?</b>	<b>americanataís yorubárbaros</b>
<b>que preto branco índio o quê?</b>	<b>somos o que somos</b>
<b>branco índio preto o quê?</b>	<b>inclassificáveis</b>
<b>índio preto branco o quê?</b>	<b>que preto, que branco, que índio o quê?</b>
<b>aqui somos mestiços mulatos</b>	<b>que branco, que índio, que preto o quê?</b>
<b>cafuzos pardos mamelucos sararás</b>	<b>que índio, que preto, que branco o quê?</b>
<b>crioulos guaranisseis e judárabes</b>	<b>não tem um, tem dois,</b>
<b>orientupis orientupis</b>	<b>não tem dois, tem três,</b>
<b>ameriquítalos luso nipo caboclos</b>	<b>não tem lei, tem leis,</b>
<b>orientupis orientupis</b>	<b>não tem vez, tem vezes,</b>
<b>iberibárbaros indo ciganagôs</b>	<b>não tem deus, tem deuses,</b>
<b>somos o que somos</b>	<b>não tem cor, tem cores</b>
<b>inclassificáveis</b>	<b>não há sol a sós</b>

<b>não tem um, tem dois,          não tem dois, tem três,          não tem lei, tem leis,          não tem vez, tem vezes,          não tem deus, tem deuses,</b>	<b>egipciganos tupinamboclos          yorubárbaros carataís          caribocarijós orientapuias          mamemulatos tropicaburés          chibarrosados mestiçigenados          oxigenados debaixo do sol</b>
---	--

Esse texto apresenta uma reflexão sobre a cultura brasileira em uma tentativa de delinear as possibilidades de classificação das raças que contribuíram para a formação de nossa identidade cultural. Por meio de perguntas, neologismos e metáforas, percebe-se uma busca de definição para o brasileiro, ou, dos procedimentos históricos de construção do(s) conceito(s) de identidade nacional.

Nas primeiras estrofes, o texto resgata, interdiscursivamente, determinadas concepções de que o povo brasileiro seria resultante das raças brancas, africanas e indígenas. Ora por meio de adição, cada raça somada às outras duas comporiam um primeiro quadro racial (primeira estrofe); ora pela fusão, pois, na segunda estrofe, com a ausência de vírgulas e pronomes relativos, apresentam-se três substantivos, oriundos das raças preto, índio e branco como sendo uma raça só, apenas com a ordem de disposição invertida. Ironicamente, os substantivos configuram o resultado da soma apresentada na primeira estrofe.

*que preto branco índio o quê?  
 branco índio preto o quê?  
 índio preto branco o quê?*

Após a interrogação inicial, segue-se a discussão da diversidade cultural (terceira estrofe), materializada pela enumeração de grupos raciais e, principalmente, pela criação de neologismos como “guaranisseis” e “judárabes”. Esta fusão vocabular, metaforicamente, cria efeitos de sentido que apontam para construções identitárias, ampliando o quadro racial com o acréscimo de outras culturas ao trio preto, branco e índio.

*aqui somos mestiços mulatos  
 cafuzos pardos mamelucos sararás  
 crioulos guaranisseis e judárabes*

São vários os neologismos criados, buscando miscigenar diferentes culturas, raças, religiões e práticas culturais. Não são apenas nacionalidades que são relacionadas, mas culturas locais com continentes (orientupis); culturas locais de países diferentes (cinganagôs); povos ligados ao período de dissolução do império romano (iberibárbaros); dentre outros. A pluralidade cultural, materializada em vários enunciados ao longo do texto, conquista o *status* de “inclassificação”, repetida ao longo do texto e reforçada, na canção, pelo rock pesado na voz de Antunes e Chico Science.

*somos o que somos  
 inclassificáveis*

Merece destaque, também, a criação lexical “mesticigenados”, termo resultante da união das palavras “mestiçagem” e “miscigenação”. São várias as expressões linguístico-discursivas criadas no texto, que, em seu conjunto, convergem para o rótulo de inclassificação. Ao negar a possibilidade de classificação do “ser brasileiro” e declarar-se “inclassificável”, o texto esbarra em outro efeito de sentido: ser inclassificável é uma classificação. Os sujeitos nele inscritos se reconhecem nesse efeito identitário e a ele dão voz. Conforme Alfredo Bosi (1987, p. 07),

ocorre, porém, que não existe *uma* cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um ‘efeito de sentido’, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço.

Além dos efeitos identitários realçados pelas criações lexicais e o ato de negar a classificação e ao mesmo “classificar-se”, encontram-se, no poema, outros elementos que, além das fusões de cores, raças e crenças, acentuam o teor crítico do texto. Situada na parte final do texto, a expressão “**oxigenados debaixo do sol**”, explora uma dada ambigüidade, ou seja, o ato de descolorir os cabelos e pêlos, correlacionado ao bronzear de pele. A adoção desse tipo de prática, e outras a ela correlacionada, aponta para um efeito identitário movente, em constante transformação, revelando uma condição do sujeito(s) marcada por uma somatória de elementos, oriundos de diferentes práticas socioculturais<sup>4</sup>.

Temos, portanto, uma reflexão, por meio da poesia, em torno de elementos que são constitutivos de uma dada concepção de subjetividade e identidade, em suas variações e efeitos de sentido possíveis.

Nessa perspectiva, tanto os poemas quanto as concepções de sujeito, construídas na poética de Antunes, devem ser vistos como categorias moventes, compondo linhas de fuga, que não se prendem a uma dada formatação. Por sua vez, essa movência da subjetividade e da poesia intensifica uma busca de apreender a co-relação entre os termos, “lançando mão” dos mais variados recursos tecnológicos e estratégias textuais possíveis. Como não há pretensão de descrições do sujeito em sua essência ou interioridade absoluta, nem de questões propriamente metafísicas, a poética deste autor tenta captar diferentes formas de sujeito em sua relação com o corpo, a sexualidade, a identidade cultural, entre outros aspectos. São posições-sujeito materializadas nos poemas, e essas posições, na maioria das vezes, são descritas por expressões indefinidas ou por fusões lexicais que implicam posições do sujeito na sociedade, passando pela linguagem, pelo suporte e pela canção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Arnaldo. **Como é que chama o nome disso**. São Paulo: PUBIFOLHA, 2006.

\_\_\_\_\_. **Antologia**. Vila Nova Edição (Portugal): Quase Edições, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Silêncio**. São Paulo: BMG, 1996.

---

<sup>4</sup> Penso aqui na discussão elaborada por Rolnik (1997), quando reflete sobre as identidades prêt-à-porter, ou seja, kits de identidade oferecidas pela mídia e pelo mercado de consumo, que alteram a constituição da identidade, independente de contextos geográficos, nacionais, culturais, etc. A autora chama a atenção para “as drogas” oferecidas pela TV, pela propaganda, pela literatura de Auto-ajuda, pelas dietas *diet/light*, por exemplo. São elementos que “quando consumidos como próteses de identidade, seu efeito dura pouco, pois os indivíduos-clones que então se produzem, com seus falsos-self estereotipados, são vulneráveis a qualquer ventania de forças um pouco mais intensa (p. 22).

BARTHES, Roland. “Da ciência à literatura”. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. “Escrever, verbo intransitivo?”. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. “A morte do autor”. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. “Plural, mas não caótico”. In: **Cultura Brasileira**. São Paulo, Ática, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 4ª edição; Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. “A Ética do cuidado de si como prática de liberdade”. In: MOTTA, M. B. (org.). MICHEL FOUCAULT. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2004. (Ditos & Escritos V ) p 264-287

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos; Claraluz, 2004.

PERRONE-MOISÉS, L. **Texto, crítica, escritura**. São Paulo, Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. “Literatura comparada, intertexto e antropofagia”. In: **Flores da escrivania**. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. “Prefácio”. In: **O Rumor da Língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PRADO FILHO, Kleber. “Uma história crítica da subjetividade no pensamento de Michel Foucault”. In: FALCÃO, Luis Felipe, SOUZA, Pedro de (Orgs.). **Michel Foucault. Perspectivas**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2005.

ROLNIK, Suely. *Toxicômanos de Identidade*. In: LINS, Daniel S. (org.). **Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades**. Campinas: Papirus, 1997.

SALGUEIRO, Wilberth Claython F. **Forças e formas. Aspectos da poesia brasileira contemporânea (dos 70 aos 90)**. 1. ed. Vitória: Edufes, 2002. v. 1. 270 p.